

CREPUSCULO

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

COLLABORADORES DIVERSOS

ANNO II

ASSIGNATURAS:
Por mez 500
Pagamento adiantado

Publicação semanal

STA. CATHARINA—Desterro, 2 de Julho de 1888

Escriptorio da Redacção,
á rua do Senado
N. 17

N. 11

CREPUSCULO

Desterro, 2 de Julho

Instrucção popular

VI

Aquelles que não acompanhão o falar rapido e conciso de sua boa consciencia, que não sujeita os seus raciocinios ao peso de futeis circumstancias, não poderão, sem duvida, comprehender a linguagem que inspira o pensamento para as melhores praticas em todos os ramos da vida.

Não é só dizermos que a instrucção é util; que a escola é o livro aberto da consciencia que nos aclara todos os passos da vida.

A um mais alto gráo devemos elevar o pensamento, essa magnifica luz de todas as épocas, esse ouro purissimo de todos os tempos.

A philosophia, que é o cabal conhecimento da intelligencia humana e tão alta autoridade, empenho e importancia exerce nas evoluções do pensamento, não é certamente aquella luz opaca que se póde ir buscar nos livros, aonde cada qual pensa de um modo, e que todos accommodam razões e raciocinios a seu bel prazer.

Cada povo, cada época, cada tempo tem suas necessidades, suas tendencias, sua vida, suas inclinações mais ou menos pronunciadas.

Já não podemos copiar do estrangeiro, o nosso povo se accentúa de um modo que nos tira toda a suspeita, de que não possa regular-se por suas proprias leis, segundo a sua natureza e mais ainda pelo valor, energia e altas provas de civismo que tem dado desde os seus primeiros dias, quer na paz, quer na guerra, quer nas artes, quer nas sciencias.

O mal do povo, que tem por seus brazões a historia do seu paiz, é uma politica poucas vezes sincera e racional, é uma má vontade de certos governos que irreflectidos e conseguintemente criminosos, nunca fazem o que lhes dicta a propria consciencia, essa grande luz do espirito humano que tudo governa, que tudo domina.

Quando, convictos de uma idéa, entendemos que ella deve ser por todos abraçada, nada mais temos a fazer do que emprestar á palavra, que é a fórma do pensamento, as nossas resoluções que são filhas do juizo.

Porém... a politica é uma infiel guarda das instituições.

Mal do nosso povo!

Acrostico

A MINHA ESTIMADA AMIGA CATHARINA ALVARES
COELHO

V gentil madresilva desfallece,
Murcha o lyrio, desfolha-se a bonina,
Instantes vive a rosa peregrina,
Zomba o Norte da palma que floresce;
V cima d'estas flores, porém vê-se
Divino lyrio d'alma que perdura...
E da —AMIZADE— a flôr singela e pura!

DELMINDA SILVEIRA DE SOUZA.

Contos originaes

Era Simeão um pobre homem de 70 annos, e desde a sua infancia, tendo encetado na senda da caridade os passos do bem, chegando ao invejavel caminho da felicidade, alcançou, pelas suas excellentes qualidades, a estima de todos que o conheciam, por isso que fôra sempre um chefe de familia criterioso, recto e honrado; mais tarde, porém, já em avançada idade, doente, acabrunhado pelos desgostos, com o coração dilacerado de amargas dôres, vio a morte arrebatár impiedosamente um a um, os entes que no mundo lhe eram mais caros, deixando apenas, no meio d'aquella solidão em que tristonho habitava, envolvido no crepe que se estendia em sua modesta choupana, como uma luz benéfica e peregrina brilhando n'um céu de trévas, um anjo meigo que consolava as suas angustias enormes: era—Alzira, que apenas contava 16 annos, sua neta; a estrellita refulgente de caridade que illuminava os fugitivos dias de seu bom avô. Alzira, a unica esperanza que, entre afagos, caridosa em extremo, candida e pura como as perolas da aurora, lhe sorria no lar, esse anjo consolador que em tão tenra idade, comprehendendo

e partilhando das amarguras do bom velho, meiga, humilde e casta como uma violeta, guardava n'aquelle coração puro como uma gota de crystal, sentimentos tão elevados quão esquivos da mais leve demonstração para não augmentar as afflicções que dilaceravam o coração d'aquelle nobre velho, que a contemplava com olhos rastos de lagrimas, como um amparo consolador no ultimo quartel da sua honrada vida.

Assim deslisavam-se os dias d'aquelles dois entes, que symbolisavam a caridade e o amor.

Um dia, porém, em que o sol ora morrendo, ora surgindo d'entre um céu nublado e triste, apresentando á terra um aspecto melancólico que casava-se com as dôres d'aquelles infelizes, Alzira, querendo distrahir seu bom avô, instou com elle para que fosse dar um passeio; ambos mirando a natureza revestida de igual tristeza, sahiram sem saber que destino tomariam. Simeão, satisfazendo os desejos de sua neta, apoiado ao seu bordão, caminhava cabisbaixo e meditabundo, ora respondendo ás interrogações que lhe fazia Alzira, ora quebrando o silencio profundo com longos e dolorosos suspiros.

Quando já Simeão achava-se cansado, insistia Alzira que se detivesse um pouco afim de recobrar novas forças, para, mais calmo, poder regressar á sua modesta choupana; porém, qual não foi a extraordinaria estupefacção e profundo sentimento de Alzira, no momento em que, de perfil, depara com um tristonho e solitario cemiterio que a poucos passos de distancia achava-se de seu bom avô?!... Ella... podendo arrancar o d'entre profundas meditações que até então reinavam em sua pobre choupana para distrahir-o, vai insensivelmente prostral-o exausto de forças, ante um cemiterio!... Ella!... a meiga Alzira!... o anjo consolador que ao sentir perpassar pelo seu cerebro tantas reflexões, com os olhos fitos no peso de tristezas que alli curvavam seu extremoso avô, cheia de terror e compaixão, não pôde... e impossivel conter-se... consecutivos gemidos, cortados de grossas lagrimas, repercutem

n'aquella alma generosa, despertando o bom velho, que, cheio de assombro, flecta os olhos pasmos na neta! Depois... como se de um pesadello despertasse, olha em torno de si, procurando a causa d'aquella afflicção; e, ao reconhecer-a, entre soluços, como um echo fnebre, de seu largo peito foge um longo suspiro, que se perde entre os arvoredos que sombreavam aquelle ermo.

IBRANTINA DE OLIVEIRA.

Desterro.

(Continúa)

MELANCOLIA

Ah! sim... já vens quando o silencio reina,
No horizonte azul já o sol desmaia
E o mar tranquillo em gemer saudades,
Chora na areia de alvejante praia.

Ah! sim... tu vens, bem advinho e sinto
Definhar-se as fibras do coração sensível,
Em soffrimento que arrebatava a vida,
Na febre ardente de paixão terrível.

Ah! sim... tu vens, bem advinho e sinto
Profunda dôr o peito meu rasgar...
E a luz que vai-me abandonando aos poucos,
De amargo pranto os olhos vem banhar...

Ah! sim... tu vens, bem advinho e sinto
Pallida imagem da minha solidão,
No luto que a vida inteira envolve
De atroz martyrio a exhalar paixão.

Ah! sim... tu vens, eu bem sinto n'alma,
Onde é morta a doce flôr da esperança,
Jazer da ingratidão os desenganos,
Sem ter de amor uma só lembrança.

Ah! sim... tu vens, oh! Deus, que horror!
Desdobram-se as trevas em meu porvir!
O teu somno de gelo, infindo, eterno...
Eu quero, oh! morte, na solidão dormir!...

UBALDINA A. DE OLIVEIRA.

Desterro, 24 de Junho de 1888.

Dia de S. João

Ainda a aurora não havia mostrado o seu costumado clarão quando levantei-me.

Amanhece, pois.

A luz auri-vermelha que surgio do lado do Levante enfeitava toda a amplitude do céu.

Então das mattas, cujas folhagens ao longe eram alvissimas por estarem enchuvalhadas de orvalho, saham bandos de passarinhos cascadeando nas doces gargantas uns cantos bons a felicitem a luz da aurora.

A lua não brilhava, Venus não sorria...

Do lado do Levante então vinha surgindo o soberbo Apollo, como um botão de ouro que aos poucos vai apparecendo.

Que hora presenteira para quem vê o despontar do sol!

Que dia festival o dia de S. João!

Sentia filtrar-me pelos ouvidos a voz sonora dos sinos, que me vinha de muito longe: a principio julguei que essa voz fosse a da harpa de David, porque me era tão suave como uma surdina melancholica. Da estrada eu ouvia de dentro das choupanas umas raparigas dizerem: vamos chamar a Maricas. Este toque que agora soa é o derradeiro para a entrada da missa.

E que raparigas bonitas!

Estavam tão alegres como as canções de Homéro e estavam tão bellas como Cleopatra!...

Pela estrada encontrava-se muita gente: velhos bem vestidos, rapazes joviaes, creanças pequeninas e velhas trajando redondados vestidos pretos, azues, rôxos e de outras côres, que me confundiam a vista.

As raparigas que eu vi eram morenas. Tinham uns olhos febris, de chamas coruscantes e um riso suave de um modo correctamente amavel.

D'estas candidas morenas apenas conheci Luiza e Maria, que traziam immersas nos ondeados cabellos umas rosas entre-abertas.

Luiza era mais formosa, Maria era mais risonha.

Quando avistaram o templo ficaram tão alegres como uma virgem no dia do noivado!... Entraram no templo, mas foram tão tarde, que o vigario da freguezia já estava no altar.

Eu, que acompanhava-lhes os languidos passos e ouvia-lhes das saias engomadas o sussurrante «frou», tambem entrei na igreja.

Com muito luxo, achavam-se bem enfeitados os altares, que ornavam-n'os uns «bouquets» de flôres artificiaes e umas toalhas de rendas: eram uns docéis sublimes e pomposos.

Acabada a missa, as raparigas risonhas, que traziam a frente illuminadissima pela luz garbosa do Apollo, foram levar as comadres em suas casas.

Um Paulo, um João ou um Francisco, que outr'ora fôra escravo, descia os morros humidos ainda de orvalho, trazendo aos hombros bonitos mólhos de canna.

Naturalmente hoje aqui é dia de festa, ha de haver muita brincadeira: rapazes nos caminhos a jogarem o malhão, homens, moços ainda, a matarem passarinhos, finalmente todos sorriam triumphantemente com a alma dentro d'um sorvedoiro de glorias.

Lá, o Pedro, que tem os seus bons perús, gôrdos e bonitos e uma porção de gallinhas, hoje manda matá-los para jantar com o visinho convidado. Da mesma maneira o Custodio, que possui dentro d'um cofre umas quantas patacas que ganhou hontem vendendo cebolas no mercado da cidade, manda vir uma garrafa de vinho e um pedaço de carne recheiada e bem assada para

comer com a comadre ou com o comadre que hoje baptisou um seu filho, e assim todos passam um dia divertido.

Ao pôr do sol, quando vemos rutilar nas margens das montanhas o bello crepusculo, sahem então a passeiar as moças e os moços, trazendo estes na golla da jaqueta uma flôr que a sua namorada lhe dêra.

Ao toque da «Ave-Maria» começam uns rapazes audazes, com impetos de soberbia, a accenderem as lenhas que hontem trouxe da roça o Paulo, e assim fórman fogueiras.

D'aqui a pouco, o Raymundo vai á casa e traz de lá a sua viola para cantar na casa do Pedro, que descansa deitado na esteira depois que jantou. Ahi fórman um baile «instantaneo»...

As Maricas anciosas e as Anninhas risonhas vestem depressa as deslumbrantes «basquines» e carminisam os rostos divinaes, põem os chales na cabeça e vão para o baile na casa do Pedro.

A rapaziada, impaciente, rouba as cannas que o Pedro mandára pôr á fogueira para offerecer aos convidados. O roubo é feito debaixo de algazarra e cambalhotas melindrosas.

Lá p'ras tantas da noite, quando dorme Apollo e se acôrda Venus, começam todos a fazer ouvir o som dos crystaes.

Quasi em todas as casas ha bailes.

As raparigas, que trazem o galante corpete de velludo odorifero, para mostrarem aos seus amantes quando forem walsar que possuem perfumaria, não se fatigam da dansa.

O Raymundo põe ao pescoço a sua linda gravata de setim, que só usa aos domingos quando vai vêr as flôres e fitar as moças, para mostrar que tem uma rica «toilette».

Mais adiante vemos um terço, uma novena, que entrou fazendo subir ao ar meia duzia de foguetes.

E assim solemnizamos o dia do bello S. João.

SABBAS COSTA.

Desterro, 26—Junho—88.

Versos a lapis

NO ALBUM DE OLGA NATIVIDADE

I

Me pedes oh! flôr uns versos
colhidos das primaveras
com mil astros dispersos
pelo azul das espheras...

Eu que já tenho cantado
tua belleza immortal
n'um poema consagrado
a ti, oh! flôr sem rival...

II

Queres que eu diga que é loira
a tua ondeada trança
e que a teu semblaute doira
longos traços d'esperança,

Que estes teus santos olhos,
são filhos dos arreboés,
que me salvam dos abrolhos
como se fossem dois sóes...

Queres que eu falle em teu rosto,
que tem a côr das maçãs,
em versos de arte e gosto
como de Abril as manhãs,

De tua voz tão suave,
tão meiga e tão sonora,
como o canto de uma ave
ao despontar de uma aurora,

De tua bocca mimosa,
ninho eterno de mil beijos,
de teus labios côr de rosa
que provocam mil desejos

Que eleve mais o teu riso
do que o tenho elevado,
dizer que é um paraizo
esse teu riso engraçado ?

Queres que diga: és modesta
co'a trança preza na fita
que és a flôr do poeta
alegre, casta e bonita?

Tudo isto já tenho dito
n'este poema de amores,
já o sabe o infinito,
já te conhecem as flôres !...

TIMOTHEO MAIA.

(Dos Cantos Matinaes.)

Logogripho acrostico

Donzella qual o teu berço ? 3, 1, 10, 11, 5, 1
Ibrantina, esse é o teu nome ? 8, 9, 2, 15, 11, 17, 14, 1
Rem pode ser sobre nome, 3, 4, 15, 6, 12
Responde, por Deus te peço, 14, 13, 9
Vinda, diz-me, pois começo 1, 7, 3, 4, 1
Não podendo nomear-te. 5, 2, 3, 12, 9, 9, 13, 6, 5, 7, 13,
(10, 14, 12)

Tenho medo de agastar-te 16, 12, 11, 11, 13, 11
Invertendo o nome teu, 1, 5, 1, 2
Não responde ? é que tem medo, 4, 12, 11, 11, 12, 11
Vsssim pois, não digo o meu. 3, 12, 9, 10, 12.

Dar conceito é sempre justo
Excelso, dona Ibrantina,
Ou antes quasi que ensina
largamente a decifrar.
Isto digo e p'ra provar,
Mas ouvindo attentamente,
Eu quero ser indulgente
Inoffensivo, agradavel
Reputando-o indecifavel:
Vos olhos é pertencente.

J. C.

Charadas enigmaticas

Estou na França e no cisco
Menos na França e mais no cisco,
Nem na França nem no cisco,
Uma na França, duas no cisco.

A QUEM DECIFRAR

Da França mandarei buscar
Um premio muito importante,
Não é de ouro nem de brilhante !...
Uma bala de estalar !

D. Luz.

Lages, 7-6-88.

NOTICIARIO

Consta-nos que se vae levantar um monumento na sepultura do nosso distincto conterraneo o Rev. padre Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva.

O que foi este catharinense ninguem ignora na provincia. A sua palavra era a propria eloquencia; de seus labios jorrava a luz da sabedoria, como de seu coração os mais generosos sentimentos. Caridoso ao ponto de dar a propria roupa que vestia, o seu nome era o idolo da pobreza, despresada e desvalida.

Nunca o odio lhe entrou no coração: foi um homem perfeito.

CANTOS MATINAES

Este mimoso poema, que brevemente sahirá á luz da publicidade, está quasi completo, faltam poucas poesias para ser impresso.

O seu autor, o nosso prezado amigo e inspirado poeta Timotheo Maia, enviou-nos uma colleção de poesias para publicarmos no nosso modesto orgam.

Os fulgurantes «Versos á lapis», que hoje publicamos, participam da colleção.

Dignou-se ser nossa collaboradora a conhecidissima poetisa Exm. Sra. D. Delminda Silveira de Souza, uma das collaboradoras do « Almanak de Lembranças » que se edita em Lisboa.

Presamos sinceramente esse acto da respeitavel poetisa, porque nol-o dispensou com muita satisfação.

Para nós a collaboração da conscienciosa escriptora é bastante honrosa e concorre muito para que tenhamos mais merito, mais attenção e mais apreço, é-nos mais ainda uma immensa gloria que apodera-se de nossa alma e assoberba-nos.

Portanto agradecemos á Exma. Sra. D. Delminda Silveira de Souza a benevolencia que tem em ser nossa collaboradora.

« PALAVRA »

Surgio no dia 28 do mez findo mais um orgam litterario com o titulo acima. Está bem escripto e mostra ser um forte campeão.
Bem vindo seja.

SAUDAÇÃO

Completo, no dia 29 do mez findo, 29 annos de idade o Sr. Pedro de Freitas Cardoso, moço de excellentes qualidades e digno dos maiores conceitos. Saudando, pois, a esse criterioso cidadão, almejamos-lhe um bando de felicidades.

Partio, no dia 29 do mez findo, para Montevidéo, onde é empregado, o nosso distincto conterraneo Francisco E. da Silva, que aqui esteve alguns dias de passeio no seio de sua respeitavel familia.

Que o digno catharinense tivesse tido uma optima e magnifica viagem são as nossas mais intimas ambições.

JUSTIFICAÇÃO

Temos a declarar ao distincto redactor do « Typographo », o Sr. Pedro Goudel, moço de bello talento e que tem sabido com criterio desempenhar aquelle encargo, que o que escrevemos a respeito da noticia que déra a « Regeneração », dizendo que tambem tinhamos offerecido uma medalha ao eximio artista João Parahyba, não tinha por fim depreciar esse artista, que por nós sempre foi muito applaudido, como provamos com as noticias que demos dos espectaculos da Companhia Nitheroyense, da qual fazia parte.

MANIFESTO

Consta-nos que a classe typographica desta capital pretende, proximamente, enviar ao futuroso Centro Typographico 13 de Maio, da côrte, um manifesto, saudando aos seus briosos collegas d'aquella capital.

O alludido manifesto será assignado por todos os artistas d'esta capital, Laguna, Joinville, etc.

Applaudindo de coração a alevantada idéa dos nossos conterraneos, fazemos votos pela prosperidade d'aquella utilitaria associação fluminense.

Chegaram da Laguna, no paquete « Humaytá », os distinctos moços Srs. José Pedro da Silva Medeiros e Dioclio Manso, aos quaes jubilosos comprimntamos.

CONSORCIO

Consoiciaram-se, no dia 21 de Junho findo, o nosso presado colloborador e amigo Ernesto Pires com a Exma. Sra. D. Virginia Ferreira da Conceição Campos.

A esse novo par almejamos muitas venturas e um viver brilhante e feliz.

IBRANTINA

No proximo numero terminaremos a publicação deste bello romance do nosso digno colloborador o Sr. Ernesto Nunes Pires; e encetaremos a publicação de um outro romance de agradável leitura.

AVISO

Findando-se com o presente numero as assignaturas do mez de Junho, prevenimos aos Srs. assignantes que vamos proceder á cobrança.

Pedimos-lhes, pois, o obsequio de satisfazerem os seus debitos, ficando por isso summamente gratos.

A Redacção.

BIBLIOGRAPHIA

Temos recebido e agradecemos:

A «Gazeta de Campinas», importante diario de Campinas, S. Paulo.

— A «Revista Typographica», conceituado semanario da cõrte, orgam da classe typographica. E' seu redactor o Sr. Luiz da França e Silva.

O «Jornal dos Economistas», tambem da cõrte. Publica-se quinzenalmente. E' seu proprietario o Sr. Silva Figueiró.

A «Republica», valente orgam do Club Republicano de Corityba.

O «Labor», orgam imparcial de Antonina.

O «Santelmo», orgam de estudantes de Curityba.

A «Imprensa Evangelica», excellente publicação de S. Paulo.

O «Guaripocaba», orgam imparcial de Bragança, S. Paulo.

O «Rezendense», da cidade de Rezende, Rio de Janeiro.

O «Correio da Cõrte», que se publica na cidade que lhe dá o nome.

O «Barão de Macahubas», da Bahia.

O «Tempo», da Cachoeira, Bahia.

O «Asteroide», da mesma procedencia.

O «Bom-Successo», da cidade deste nome, em Minas.

O «Itajubá», da cidade deste nome, tambem em Minas.

O «Município», da Cunha, S. Paulo.

O «Monitor» e «Lampada», de Maceió.

A «Escola», do Ceará-Merim, Rio Grande do Norte.

O «Macauense», do Macáu do Assú, d'aquella mesma provincia.

A «Revista Popular», de Pelotas, Rio Grande do Sul.

O «Taquaryense», de Taquary, na mesma provincia.

A «Razão», de S. Jeronymo, tambem no Rio Grande do Sul.

O «Trabalho», folha liberal da Laguna, n'esta provincia.

A «Revista Typographica», «Cidade do Desterro», «Typographo» e «Mosquito», d'esta capital.

A boa estrella

Esta noite — oh! como está custando a vir a noite! — esta noite cabio no regato uma estrella. Ella disse-me: «Sem duvida julgas que desci maravilhosa do espaço, sem razão, á tua obscura terra?»

Que erro! Sabia, com certeza, que passavas na rua no momento da minha quèda; e, se queres, agitando meus raios, farei d'elles azas e levar-te-hei para as divinas moradas da paz e da luz.

Lá, em cima, mais alto ainda, não existem realidades humanas: o que tu chamas verdadeiro, não fere os olhos dos astros mais claros; mas os sonhos são os peregrinos familiares dos caminhos luminosos. Eu não hesitei, e respondi: «Abre tuas azas de chammas; leva-me, passaro luminoso!»

A estrella levou-me, então, para o paiz da chimèra e dos sonhos e desde essa occasião nunca mais voltei!

CATULLE MENDÉS.

ROMANCE

IBRANTINA

POR

ERNESTO F. NUNES PIRES

SEGUNDA PARTE

X

SENTENÇA DE MORTE

Quando Rogerio chegou á sala do jury, já se achavam ahi o juiz, promotor, escrivão, meirinhos, jurados e espectadores, e entre elles notava-se um moço quem o

leitor já conhece pelo nome de Antonio de Castro.

Depois de reunido o corpo de sentença, o juiz mandou entrar o réo, que penetrou no salão com passos firmes, de cabeça erguida e com um sorriso de desdem a pairar-lhe na flôr dos labios.

A presença de Rogerio causou uma emoção geral, e recahiram sobre elle todas as vistas.

— Sente-se. Disse o juiz a Rogerio, que sempre de frente alta obedeceu; momentos depois de Rogerio estar sentado, entrou o juiz municipal, trazendo o processo; dando-se logo principio ao interrogatorio.

— Como se chama? perguntou o juiz.

— Rogerio de Muret.

— Seu estado?

— Casado.

— Sua profissão?

— Medico.

— Sabe lêr e escrever?

— Sei.

— Sabe porque está sendo interrogado?

— Iguoro.

— Então não sabe que lhe são imputados varios crimes?

— Na realidade dão-me como autor desses crimes. de um dos quaes eu apenas tive conhesimento quando fui chamado para fazer auto de corpo de delicto.

— Admira-me esse puritanismo, tornou o juiz, mas já que não quer fallar, tenha a bondade de sentar-se.

Depois dos discursos do promotor e do advogado da defesa, foram recolhidos á sala secreta os juizes de facto, levando estes quesitos:

« 1º— Si os crimes commettidos pelo réo Rogerio de Muret foram premeditados? »

« 2º— Si para commetter esses crimes escolheu horas adiantadas da noite? »

« 3º— Si houve premeditação para commetter esses crimes? »

A anciedade é horrivel, e Rogerio olha para aquelle aparato criminal e para todos com um sorriso de desdem nos labios, e depois continúa a olhar para a janella que lhe fica ao lado.

Ao menor ruido todos os espectadores debruçam-se na sacada das galerias, suppondo que é o corpo de julgamento que chega, para melhor ouvirem a leitura dos quesitos.

Finalmente abre-se a porta e entra o presidente nomeado pelos juizes para a leitura dos quesitos dados pelo presidente do tribunal.

Este, depois de alguns momentos, chama os espectadores á ordem e deu a palavra ao presidente do corpo de sentença, que, depois de breve allocução, leu estas respostas:

Ao 1º— Sim, porque todos os crimes foram praticados pelo réo presente, que houve premeditação e em horas adiantadas da noite.

Ao 2º e 3º— ficam inutilizados com a resposta do 1º.

— O jury de sentença, disse o presidente do corpo de julgamento, condemna o réo Rogerio de Muret á pena ultima.

(Continúa)